

“PROFESSORA, PRA QUE SERVE O ESPANHOL?”

Rachel Ann Mendes NOGUEIRA
(Orientadora): Profa. Dra. Carmem Zink-Bolonhini

RESUMO: Nenhum discurso é originado no sujeito que o enuncia (Cf. ORLANDI, 1999). Essa noção é fundamental para qualquer análise de discurso, como é o caso dessa pesquisa.

A partir de um enunciado de um aluno, que faz referência ao ensino de espanhol como língua estrangeira, inicia-se uma busca pelos discursos a respeito desse tema, e também pelas condições de produção do enunciado, título do trabalho, proferido pelo sujeito.

Ao longo da análise descobre-se que os discursos que constituem o sujeito circulam por áreas muito mais amplas e abrangentes, as quais serão devidamente exploradas.

Palavras – chave: Análise de Discurso, Língua Estrangeira, Espanhol, Inglês.

Introdução:

Um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental também é sujeito ao e do discurso? Se sim, quais discursos o levariam a proferir um enunciado a respeito do ensino de espanhol como língua estrangeira? Qual é a origem desse discurso? Ele se limita ao ambiente escolar, ou se estende a outros contextos? São essas, entre outras, as perguntas que direcionarão a pesquisa em questão.

Objetivos:

Analisar o(s) discurso(s) que circula(m) sobre o ensino de espanhol, identificando as relações existentes dentro de um contexto de ensino de uma “segunda língua estrangeira”. Essa análise tem como objetivo refletir sobre até que ponto o ensino de uma segunda língua estrangeira é, ou deveria ser, semelhante ao de uma primeira língua estrangeira.

Através dessa análise, também me proponho a buscar uma possível hierarquia das línguas relacionada ao discurso científico a respeito do ensino de língua estrangeira, o qual o coloca no mesmo nível de outras matérias escolares. Também as relações fora da escola, as quais norteiam o ensino de língua estrangeira serão incluídas nessa análise.

Justificativa:

O Brasil se localiza em um continente onde a maior parte dos países possui o espanhol como primeira língua. No entanto, o ensino de espanhol como língua estrangeira no Brasil só se tornou obrigatório nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio a partir de 2006. Ao contrário, o inglês, considerado como primeira língua oficial de uma proporção relativamente pequena dos países do Continente Americano como um todo, já ocupa a posição de língua estrangeira obrigatória nas escolas há muito tempo. Esse fato nos leva, inevitavelmente, ao pensamento a respeito das relações de poder entre línguas: quais seriam as razões históricas e políticas para que o inglês fosse a primeira língua estrangeira ensinada nas escolas, enquanto que o espanhol é, e aparentemente sempre será, a segunda língua estrangeira?

O espanhol não pode ser considerado primeira língua estrangeira no contexto escolar, por ter sido incluído na grade curricular após o inglês, o que torna a relação comparativa entre as duas línguas inevitável. Portanto, o ensino de uma segunda língua estrangeira é digno de análise, já que envolve relações hierárquicas.

Essa noção de valores também está inserida em outro discurso pedagógico, que envolve o ensino de língua estrangeira em um contexto utilitarista, e é nesse contexto, onde também são refletidas relações de poder exteriores ao ambiente escolar, que se constrói o discurso objeto da análise em questão.

Metodologia de pesquisa:

Essa pesquisa será desenvolvida a partir do método do paradigma indiciário, baseado no livro “Mitos, Emblemas e Sinais” de C. Ginzburg (1989), no capítulo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. De acordo com o autor, “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis” (p.144).

Como Guinzburg incentiva a pesquisa baseada na análise de detalhes, essa pesquisa também buscará em seus dados esses traços para ultrapassar o superficial e genérico e encontrar nos detalhes os “indícios imperceptíveis para a maioria” (p. 145).

Essa busca pelo paradigma indiciário se dará através do olhar atento a questões levantadas por alunos, as quais, aparentemente, estão fora do âmbito do ensino, porém, envolvem discursos consideráveis.

Quadro teórico:

O desenvolvimento dessa pesquisa se dará baseado na teoria da Análise de Discurso materialista, tal qual desenvolvida por Orlandi no Brasil, problematizando o que é produzido e ouvido nas diferentes manifestações da linguagem.

A definição de discurso nada mais é que a palavra em movimento, é a prática de linguagem, a qual constitui o homem e sua história, e está materializada na ideologia.

Segundo Eni Orlandi, “a interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato”, mas não é qualquer um que pode interpretar de acordo com sua vontade, para isso existem especialistas como o professor, por exemplo, o qual atribui sentido a determinadas coisas.

Existe também o que é chamado de “relação de forças”, ou seja, “se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno”. Mas “a imagem que temos de um professor...se constitui...em processos que ligam discursos e instituições”.

Análise de dados:

Em primeiro lugar é importante ressaltar que, a partir da teoria da Análise de Discurso, entendemos que o sujeito não é a origem do discurso que constitui seu enunciado. Pelo contrário, o próprio sujeito é constituído pelo discurso. Essa constituição do sujeito pelo discurso se dá através das condições de produção refletidas em seu enunciado.

No caso dos dados analisados, os enunciados dos alunos carregam um discurso circulante sobre o ensino de espanhol, que não teve sua origem no momento em que eles enunciam, mas que, ao contrário, já havia constituído os enunciadores como sujeitos desse discurso.

Nesse caso, as condições de produção do enunciado foram buscadas na situação do “espanhol” como idioma dentro do Brasil. Essa situação se constrói nos aspectos econômicos, históricos, políticos e sociais.

A relação econômica entre o Brasil e os países hispânicos vem crescendo desde algum tempo. Em 1994 foi estabelecido o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), por exemplo, o qual ampliou o contato entre o Brasil e os países participantes desse Mercado. A trajetória do Banco Santander aqui também representa uma ligação econômica entre Brasil e Espanha

Em 1991 foi criado o Instituto Cervantes, com o intuito de divulgar a cultura espanhola. Esse Instituto foi trazido ao Brasil, e, juntamente com o Colégio Cervantes, compromete-se a ensinar espanhol aos brasileiros.

O ensino de línguas estrangeiras em escolas especializadas, no entanto, não é novidade. Há anos já existem centenas de escolas destinadas ao ensino principalmente do inglês como língua estrangeira. Essas escolas desenvolveram um certo tipo de discurso em suas propagandas, o qual tem constituído os enunciados das mais diferentes pessoas a respeito do ensino de língua estrangeira.

Algumas dessas propagandas das escolas de idiomas entraram para essa análise, e, de início foi verificado que, apesar das relações entre o Brasil e os países de fala espanhola estarem estreitando-se, a ênfase de 6 escolas em 10 pesquisadas ainda é no ensino do inglês. Além disso, essas propagandas trazem um discurso tradicionalista, competitivo, e/ou utilitarista.

O discurso tradicionalista é enfatizado nas escolas com anos de experiência no ramo, e é usado como garantia de qualidade de ensino; **ESCOLA DE IDIOMAS SPEAKING**

Há 12 Anos na Paulista, ESCOLAS FISK 50 anos de experiência.

O discurso competitivo é reforçado através do uso das palavras *vence e líderes*, por exemplo, e geralmente, está relacionado com o ensino de inglês para empresas. O ensino de língua estrangeira dentro do sistema escolar como um todo também resulta desse discurso competitivo, tanto entre os alunos dentro de sala de aula através do sistema avaliativo, quanto entre os diferentes idiomas que são ensinados, o que acontece na situação analisada, onde o aluno compara o ensino do inglês como o do espanhol.

O discurso utilitarista surge em enunciados como *O inglês que você usa pra valer*. Esse discurso é o mesmo que circula em torno do enunciado analisado.

Os dados analisados foram tirados de diários de campo, escritos a partir de aulas de espanhol em uma escola regular de Ensino Fundamental.

A análise se limita especificamente ao enunciado de dois alunos. Esses enunciados ocorreram no ambiente escolar, durante uma aula de espanhol, na qual os alunos em questão levantaram, em momentos diferentes, uma questão que envolve um mesmo discurso.

A fala do primeiro aluno que entrou como dado de análise foi a seguinte:

Pra que serve o espanhol? Pelo menos o inglês serve para jogar vídeo-game.

Os discursos que provavelmente dão origem a este enunciado podem ser encontrados, principalmente, em três palavras inseridas no enunciado. A primeira é o verbo “servir”; porque o aluno usa esse verbo quando se refere à aprendizagem de uma língua estrangeira? De onde vêm a noção de que o espanhol, ou o inglês, deve “servir”, ou seja, “ser útil” para alguma coisa? Aparentemente essas hipóteses nos levam ao que podemos chamar de “discurso

utilitarista”, o qual circula em todo o contexto escolar, definindo concepções dentro do discurso pedagógico.

A outra evidência discursiva que aparece no enunciado é a introdução do “inglês” como elemento comparativo: porque o aluno compara o espanhol com o inglês? Porque ele insere essa outra língua estrangeira no enunciado? O discurso que parece saltar nesse ponto do enunciado é o que circula na concepção de hierarquia das línguas.

Por último, a relação que o aluno faz da utilidade do inglês com o vídeo-game também pode levar a uma hipótese direcionada à questão do mercado globalizado (ou norte-americanizado).

O outro dado que entrará para a análise com a intenção de reforçar as hipóteses anteriores é o seguinte:

Pra que eu vou usar o espanhol se eu quero ser jogador de futebol?

Os mesmos discursos da primeira fala estão presentes nessa; apesar de envolverem aspectos diferentes, ambos refletem as mesmas relações de poder.

Por fim, vemos que nenhum enunciado está desprendido de algum discurso, e, ao mesmo tempo, nenhum sujeito é a origem do seu discurso, portanto, a análise deve ser iniciada na busca dos discursos presentes nos enunciados, e também na busca pelas origens desses discursos, as quais serão encontradas nas condições de produção do enunciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CORACINI, M. J. (2003) *Identidade e Discurso*, Ed. UNICAMP
GINZBURG, C. (1989) *Mitos Emblemas e Sinais* Companhia das Letras
ORLANDI, E. (1999) *Análise de Discurso Princípios e procedimentos* Pontes Campinas
PENNYCOOK, A. (1994). “The cultural politics of english as an international language”.
Language in Social Life Series, p. 1-34
SCOWEN, P. (2003) *O livro negro dos Estados Unidos*, Ed. Record